

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UFMG
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU EM DOCÊNCIA NA
EDUCAÇÃO BÁSICA

Carla Bigão Machado Gonçalves

ESCADINHA: Uma possibilidade de acompanhamento do Sistema de Escrita Alfabética em escolares do 1ºano do 1ºCiclo.

Belo Horizonte
2019

Carla Bigão Machado Gonçalves

ESCADINHA: Uma possibilidade de acompanhamento do Sistema de Escrita Alfabética em escolares do 1ºano do 1ºCiclo

Trabalho de conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Processos de Alfabetização e Letramento, pelo Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Docência na Educação Básica, da Faculdade de Educação/ Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientadora: Profa Dra. Maria Gorete Neto

Belo Horizonte
2019

G635e
TCC

Gonçalves, Carla Bigão Machado, 1975 -

Escadinha [manuscrito]: uma possibilidade de acompanhamento do sistema de escrita alfabética em escolares do 1º ano do 1º Ciclo / Carla Bigão Machado Gonçalves. - Belo Horizonte, 2019.

49 f., il.

Orientadora: Maria Gorete Neto
Trabalho de Conclusão de Curso -- (Especialização) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação.
Inclui bibliografia

1. Alfabetização. 2. Letramento. 3. Crianças - Escrita.

I. Gorete Neto, Maria. II. Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação. III. Título.

CDD- 372.414

Catálogo da Fonte* : Biblioteca da FaE/UFMG (Setor de referência)

Bibliotecário: Ivaneu Duarte. CRB6 2409

(Atenção: É proibida a alteração no conteúdo, na forma e na diagramação gráfica da ficha catalográfica.)

* Ficha catalográfica elaborada com base nas informações fornecidas pelo autor, sem a presença do trabalho físico completo. A veracidade e correção das informações é de inteira responsabilidade do autor, conforme Art. 299, do Decreto Lei nº 2.848 de 07 de Dezembro de 1940 - "Omitir, em documento público ou particular, declaração que dele devia constar, ou nele inserir ou fazer inserir declaração falsa ou diversa da que devia ser escrita..."

† Conforme Art. 297, do Decreto Lei nº 2.848 de 07 de Dezembro de 1940: "Falsificar, no todo ou em parte, documento público, ou alterar documento público verdadeiro..."



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
Curso de Especialização em Formação de Educadores para
Educação Básica

ATA DE DEFESA DO SEXCENTÉSIMO SEPTUAGÉSIMO SEXTO TRABALHO FINAL DO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FORMAÇÃO DE EDUCADORES PARA EDUCAÇÃO BÁSICA
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO PROCESSOS DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO

Aos sete dias do mês de dezembro do ano de dois mil e dezenove, realizou-se, na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, a apresentação do trabalho final de conclusão do Curso de Especialização em Formação de Educadores para Educação Básica – com o título “Escadinha: uma possibilidade de acompanhamento do sistema de escrita alfabética em escolares do 1º ano do 1º ciclo”, do(a) aluno(a) Carla Bigão Machado Gonçalves. A banca examinadora foi composta pelos seguintes professores: Mara Gorete Neto (orientador) Sandra de Pádua Castro. Os trabalhos iniciaram-se às 8h, atendendo a uma escala de apresentações definida pelo(a) orientador(a). Após a apresentação oral do trabalho, a banca examinadora fez uma arguição ao aluno(a). A banca se reuniu, em seguida, sem a presença do(a) aluno(a) e do público, para fazer a avaliação final. Em conclusão, a banca examinadora considerou o trabalho APROVADO, atribuindo-lhe a nota 100, conceito A. O resultado final do trabalho foi comunicado ao aluno(a), que deverá encaminhar à Secretaria do curso a versão final em meio digital para (laseb@fae.ufmg.br) e submeter o trabalho salvo em formato PDF/A de acordo com as orientações da Biblioteca universitária da UFMG, Repositório Institucional (www.repositorio.ufmg.br). Nada mais havendo a tratar, eu, Ana Maria de Castro Rocha, secretária do colegiado do curso, lavrei a presente ata que, depois de lida e aprovada, será por mim assinada e pelos demais membros presentes. Belo Horizonte 07 de dezembro de 2019.

Aluno(a) Carla Bigão Machado Gonçalves
Carla Bigão Machado Gonçalves

Registro na UFMG: 2018749743

Mara Gorete Neto
Mara Gorete Neto
Professor(a) Orientador(a)

Sandra de Pádua Castro
Sandra de Pádua Castro
Professor(a) Convidado(a)/avaliador(a)

Ana Maria de Castro Rocha
Ana Maria de Castro Rocha
Secretária do Colegiado de Curso de Especialização
Em Formação de Educadores para Educação Básica

Em última análise, precisamos amar para não adoecer. Freud

RESUMO

O presente trabalho buscou acompanhar e registrar a evolução do sistema de escrita alfabética de seis estudantes que se encontravam, no mês de abril de 2019, no nível de escrita pré-silábica, todos do 1ºano do 1ºciclo da rede municipal de ensino de Belo Horizonte. O acompanhamento dos registros aconteceu até o mês de julho de 2019. Nesse sentido, foi proposto conceituar alfabetização e letramento e fases da escrita. Este projeto teve como objetivo desenvolver, de forma organizada, planejada e estruturada, estratégia de verificação de aprendizagem dos alunos nomeada 'Escadinha', que consiste em uma imagem de uma escada com quatro degraus, cada um representando uma fase da escrita. Recorre-se a contribuições de autores como: Ana Teberosky (2003); Emilia Ferreiro (1985; 2001); Frade (2005); Magda Soares (2006; 2017); Artur Gomes de Moraes (2012; 2019); Paulo Freire (2013) e Zoia Prestes (2012). O tema de estudo escolhido conduz a uma pesquisa descritiva e qualitativa de modo que envolve a observação e participação do pesquisador. Metodologicamente, optou-se pela utilização de dois instrumentos de registro para verificação da aprendizagem. Um registro de escrita espontânea para os alunos e outro registro nomeado 'Escadinha'. Conclui-se que, por meio deste projeto, foi possível observar a evolução dos seis estudantes, sendo que suas escritas espontâneas e o instrumento nomeado 'Escadinha' possibilitaram a visualização de seus avanços.

Palavras-chave: Alfabetização; Letramento; Sistema de escrita alfabética.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
2. CAPÍTULO I - SOBRE A ALFABETIZAÇÃO.....	13
2.1 Alfabetização	13
2.2 Alfabetização e letramento.....	15
3. CAPÍTULO II – O SISTEMA DE ESCRITA ALFABÉTICA.....	17
3.1 As fases da escrita	17
4. CAPÍTULO III – PESQUISA DE CAMPO	21
4.1 Metodologia	21
4.2 Perfil dos estudantes pesquisados	23
5. CAPÍTULO IV - ANÁLISE DE DADOS.....	24
5.1 A Escadinha.....	24
5.2 Matriz da escrita espontânea.....	26
5.3 Registro da merenda.....	28
5.4 Alunos infrequentes.....	33
5.5. Transferências escolares	33
5.6 Quadro de monitoramento da evolução do SEA dos estudantes.....	34
5.7 Avanços dos estudantes no SEA.....	34
Estudante A.....	36
Estudante B.....	37
Estudante C.....	39
Estudante D.....	40
Estudante E.....	42
Estudante F.....	44
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	46
7. REFERÊNCIAS	49

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho discorre sobre um projeto nomeado 'Escadinha' realizado no ano de 2019 e contribuiu para a compreensão e protagonismo dos estudantes do 1º ano do 1º ciclo de alfabetização acerca de seu processo de aquisição do Sistema de Escrita Alfabética (SEA) e práticas de letramento.

O interesse pela temática, Sistema de Escrita Alfabética, é fruto de um projeto intitulado 'Escadinha' que foi realizado no ano de 2016 com vinte e seis estudantes do 1º ano do 1º ciclo, turma que acompanhei até dezembro de 2018 em uma Escola Municipal da regional do Barreiro. O projeto surgiu a partir de questionamentos e inquietações sobre como tornar os estudantes, pais e coordenação pedagógica, mais participativos e engajados no processo de alfabetização, de modo que pudessem compreender os avanços dos estudantes em relação ao SEA. Para diagnosticar, monitorar e intervir nesse processo eram realizadas avaliações semanais, da escrita espontânea para verificação dos possíveis avanços dos estudantes no SEA. Com frequência sentia-me incomodada em sala de aula com as perguntas dos alunos sobre o que representavam as letras PS, S, SA e A que eram escritas à caneta em suas avaliações. Esse registro acontecia após a avaliação escrita e leitura individual realizada com cada aluno. Era uma maneira que tornava possível o monitoramento dos avanços ou não dos alunos. Diante de perguntas frequentes dos estudantes, decidi que deveria elaborar alguma estratégia para que eles pudessem compreender e que se sentissem encorajados e desafiados a questionar, a fim de tornarem-se mais participativos, culminando no processo de alfabetização mais significativa. Algumas perguntas permearam esse processo: O que o estudante não sabe sobre sua escrita? O que o estudante sabe sobre sua escrita? O que e como vou fazer para que o estudante saiba sobre sua escrita? Como o estudante poderá analisar a própria escrita? Como envolver a coordenação pedagógica e os responsáveis dos alunos nesse processo?

Observações cotidianas se fizeram presentes em minha prática. A primeira tentativa foi oferecer uma estratégia de intervenção para essa questão e que aconteceu de maneira inusitada e pouco estruturada na época. Usei a

estratégia de fazer um desenho em forma de uma escada com quatro degraus. Cada degrau representava uma fase do Sistema de Escrita Alfabética (SEA). No 1º degrau a fase pré-silábica, no 2º degrau a fase silábica, no 3º degrau a fase silábico-alfabética e no 4º e último degrau a fase alfabética.

Em 2019, ao retornar para o 1º ano do 1º ciclo planejei avaliar a aquisição do Sistema de Escrita Alfabética dos estudantes tomando, como um dos recursos para acompanhamento a 'Escadinha'. Dessa forma, não se pretende aqui repetir o mesmo projeto realizado em 2016, mas tomá-lo como referência apontando possibilidades no acompanhamento do processo de alfabetização dessa nova turma de primeiro ano que iniciou no ano de 2019, considerando que cada turma possui suas especificidades e singularidades.

A relevância desse trabalho para a educação consiste diretamente na dimensão da responsabilidade social com a educação no intuito de promover transformação e mudança na cultura escolar em relação ao protagonismo dos estudantes, garantindo o direito de aprendizagem e promovendo o avanço dos alunos nos anos posteriores do ciclo de alfabetização bem como a continuidade de leitura e escrita norteadas por reflexões das práticas sociais.

Diante disso, este estudo contribuiu para estruturação da atividade nomeada 'Escadinha' de forma que sua metodologia possa orientar outros profissionais dentro do contexto escolar e, sobretudo promover uma cultura que respeite a criança como sujeito. Investir na 'Escadinha' ajudará os alunos a compreenderem sobre o processo de alfabetização e se implicarem nele bem como suas famílias, porque contribui para relações dialógicas. Para a professora é importante acompanhar diretamente e de forma assertiva a evolução dos estudantes acerca do SEA, e para a coordenação pedagógica sua importância está em poder fazer suas contribuições pertinentes levando em consideração lugar que ocupa no processo educacional. Por isso, nesse processo, a 'Escadinha' possibilitará ao aluno analisar seu registro escrito e tornar-se também responsável.

A participação da família contempla dimensões da ordem do incentivo, participação, estímulo, e de orientação, uma vez que compreende que o seu papel é de extrema importância na educação e acompanhamento escolar dos filhos; e, a parceria estabelecida com a escola fomenta ganhos positivos no processo escolar do educando. Ao receberem o registro da escadinha, os

responsáveis deverão junto aos filhos apreciarem o desenvolvimento da criança. Cada família apresentará sua forma particular de demonstrar ou de fazer tais apontamentos. Pode acontecer por meio de assinatura para que a professora reconheça que o familiar está ciente do desenvolvimento do filho, pode ser por meio de conversa em casa. Cabe ressaltar que essa orientação foi compartilhada com os responsáveis na segunda reunião de pais. Essa ação aconteceu de acordo com a demanda e organização da família, não sendo necessário nenhum material escrito ou registro que comprove para a docente a ação desempenhada pelos familiares acerca da apreciação da 'Escadinha' com os filhos.

O objetivo do trabalho foi aprofundar o estudo sobre Sistema de Escrita Alfabética em práticas de letramento e suas implicações em sala de aula de modo que a docente, os estudantes, a coordenação pedagógica e familiares dos estudantes compreendessem o processo, levando em consideração as atribuições e responsabilidades referentes ao lugar que cada um ocupava no processo escolar. Para isso, foi necessário criar estratégias para que todos os envolvidos pudessem entender em que nível do Sistema de Escrita Alfabética os estudantes encontravam-se e o que cada participante envolvido no processo poderia fazer para auxiliar, contribuir para o avanço do estudante em relação ao SEA. Nesse sentido, a 'Escadinha' foi o recurso que proporcionou visibilidade para acompanhar o processo. Este projeto desenvolveu de forma organizada, planejada e estruturada a estratégia de verificação e acompanhamento de aprendizagem dos alunos nomeada 'Escadinha'. Dessa forma, esse instrumento serviu como suporte de acompanhamento e análise da escrita de todos os vinte e quatro estudantes, durante os meses de fevereiro até julho de 2019.

Para este trabalho, foram selecionados os alunos que no mês de fevereiro estavam na fase pré-silábica do Sistema de Escrita Alfabética. Porém, cabe ressaltar, que a análise de dados contemplou apenas seis estudantes que permaneceram pré-silábicos até o mês de abril, que apresentaram impasses quanto aos avanços no SEA. Portanto, na análise de dados serão contemplado os avanços no SEA desses seis estudantes de abril até julho.

Com intuito à ampliação do conhecimento sobre o Sistema de Escrita Alfabética, o tema de estudo escolhido conduz a uma pesquisa descritiva e o

investigador interessa-se mais pelo processo, contexto e fenômeno natural do que pelos resultados (MATTOS, 2005). Trata-se também de uma pesquisa qualitativa que envolve observação participante.

Recorreu-se a contribuições de autores como: Ana Teberosky (2003); Emilia Ferreiro (1985; 2001); Frade (2005); Magda Soares (2006; 2017); Artur Gomes de Moraes (2012; 2019); Paulo Freire (2013) e Zoia Prestes (2012).

O trabalho foi organizado em quatro capítulos. O primeiro conceituou alfabetização e alfabetização e letramento. O Segundo retratou o Sistema de Escrita Alfabética e as fases da escrita. O terceiro descreveu a pesquisa de campo e metodologia, bem como o perfil dos estudantes. Por fim, o último capítulo contemplou a análise de dados que discorreu sobre os elementos: a “Escadinha”, matriz da escrita espontânea, registro da merenda, quadro de alunos infrequentes, quadro de transferências escolares, quadro de monitoramento do SEA dos estudantes e avanços dos estudantes no SEA.

Ao final, tecem-se algumas considerações finais sobre o trabalho realizado, do qual é apontado alguns questionamentos que podem ser produtivos para uma nova pesquisa.

2. CAPÍTULO I - SOBRE A ALFABETIZAÇÃO

Neste capítulo, serão abordados conceitos sobre a alfabetização e alfabetização e letramento na contemporaneidade. Os estudos sobre a alfabetização ao longo das últimas décadas afetaram as concepções e práticas acerca do processo de alfabetização. O paradigma dos métodos de alfabetização é veementemente questionado em sua eficácia acerca de como os estudantes se apropriam da leitura e escrita. A partir disso, a literatura se debruça na aprendizagem do sistema de escrita alfabética. Alicerçado nesse novo paradigma os estudos desenvolvidos afetaram as práticas pedagógicas que hoje defendem que alfabetizar não é uma prática isolada, mecânica e repetitiva, mas, que está aliançada a muitos elementos do contexto sócio-histórico e cultural dos estudantes.

2.1 Alfabetização

Ao nascer, a criança está no mundo e isso é óbvio. Mas, para fazer parte dele, existe um 'Outro' que vai nomeando e banhando a criança na linguagem. A criança, este sujeito, que não é passivo, interage dando significado e aos poucos vai se apropriando de conceitos de acordo com sua cultura e suas vivências. Para Ferreiro (2001, p.65), ao se referir às crianças, aponta que “desde que nascem são construtoras de conhecimento”. Aqui, a autora faz uma crítica à ideia difundida de que a criança começa a aprender na escola.

O professor, ao receber a criança na escola, deve estar ciente de que cada aluno que recebe possui saberes, experiências bem singulares. Respeitar esses saberes poderá contribuir para o processo educacional, uma vez que esses elementos atravessam a aprendizagem.

Estudiosos se debruçaram acerca da alfabetização ao longo das últimas décadas. Emilia Ferreiro (2001) por meio de seus estudos sobre a psicogênese da língua escrita comprovou que a criança pensa e age sobre um objeto do conhecimento, contrariando concepções de aprendizagem que, para aprender, a criança precisaria de práticas voltadas para memorização e repetição.

Com relação a questão dos métodos, Ferreiro (2001, p. 30) critica veemente que “o método não pode criar conhecimento” e ainda ressalta que nenhuma

das discussões levou em consideração o que agora se sabe sobre “as concepções das crianças sobre o sistema de escrita”. (FERREIRO, 2001, p. 29). Para a estudiosa a criança é “alguém que pensa que constrói interpretações, que age sobre o real para fazê-lo seu” (FERREIRO, 2001, p. 41).

Sobre os métodos e didáticas de alfabetização, Frade (2005, p. 19) ressalta que na atualidade os procedimentos adotados para se alfabetizar estão complexos e podem ser direcionados por diferentes caminhos. Apesar disso, em seu entendimento:

o professor alfabetizador precisa sim dominar os métodos clássicos de alfabetização, mas também uma série de outros procedimentos relacionados à organização do tempo e espaço na sala de aula, à escolha dos melhores materiais e situações de ensino, à definição de conteúdos e do ambiente de uso da cultura escrita na sala de aula. Ele precisa também pesquisar o desenvolvimento dos alunos e o conhecimento que estes e suas famílias têm sobre as práticas de escrita. Além disso, precisa observar como os alunos estão compreendendo os conteúdos ensinados, para avaliar as alterações que deve fazer em seu trabalho e no trabalho de alfabetização da escola. (FRADE, 2005, P. 18-19)

Por meio desses apontamentos, Frade (2005, p.41) destaca que a teoria psicolinguística de Emilia Ferreiro, o construtivismo, é um conceito que demonstra como os estudantes “organizam psicologicamente a aprendizagem de um conteúdo de escrita”. Desse modo, é imprescindível que o professor tenha conhecimento sobre essa teoria e que reconheça que os métodos clássicos da alfabetização podem auxiliar os estudantes no processo de alfabetização levando-se em consideração que eles são um recurso, uma estratégia dentre outras que devem estar contempladas no planejamento docente para o desenvolvimento do Sistema de Escrita Alfabética.

Considerando esses aspectos, o presente trabalho é norteado por uma atividade de escrita espontânea, que foi realizada mensalmente, recolhida e arquivada pela professora. Esse tipo de atividade, conforme Ferreiro (2001, p. 16-17) é um material riquíssimo que a criança nos oferece e que o mesmo deve ser “interpretado para poder ser avaliado” (FERREIRO, 2001, p. 17). Esse material no contexto de sala de aula representa uma riqueza de materialidade para o professor, pois aqui se trata de um trabalho ‘com’, ‘juntos’, e não algo apenas relacionado ao resultado final do desempenho do estudante, como

certo ou errado, sabe escrever ou não sabe escrever. A escrita espontânea permite que, junto ao aluno, o professor avalie como este está pensando a escrita e, ao mesmo tempo pensar em maneiras, estratégias para auxiliá-lo em seu desenvolvimento.

Emilia Ferreiro apoiou seus estudos na perspectiva construtivista de Piaget, que concebia a aprendizagem como processo contínuo. Essa concepção trouxe nova visão para a aprendizagem. (TEBEROSKY; COLOMER, 2003, p. 16). Sendo assim, essa perspectiva abdicava de compreensões que se referiam que para aprender era necessários pré-requisitos, em outras palavras:

para a teoria construtivista não existe um limite claro entre pré-leitor e leitor, entre pré-escritor e escritor, tampouco haveria momentos, um antes e outro depois da verdadeira aprendizagem. A separação em dois momentos só é aceitável para aqueles que têm um olhar normativo e que esperam que todas as aprendizagens sejam convencionais. (TEBEROSKY; COLOMER, 2003, p. 16).

A partir dessa compreensão sobre a educação e sobre a aprendizagem, foi possível abrir um campo de possibilidades para a inclusão daqueles que se acreditava, erroneamente, incapazes ou inaptos.

2.2 Alfabetização e letramento

A grande preocupação com a alfabetização motivou os estudos de Magda Soares (2006) acerca desse tema que trouxe impactos para educação dos brasileiros. A autora convida a todos os envolvidos nesse processo a pensarem a educação alicerçada em práticas de alfabetização e letramento.

Para Soares (2006, p.31) “alfabetização: é ação de ensinar /aprender a ler e a escrever e letramento: estado ou condição de quem não apenas sabe ler e escrever, mas cultiva e exerce as práticas sociais que usam a escrita”.

A alfabetização é um processo que tem como objetivo tornar o sujeito apto à leitura e a escrita. Atualmente estudos como os de Magda Soares (2017) expandiram esse conceito de modo que o sujeito precisa ler e escrever, mas também ser capaz de usar as informações em determinado contexto do qual faz parte. Sabe-se que o mundo, com o advento tecnológico, vem exigindo mais sujeitos capazes de resolver problemas, pois o ritmo de vida e demandas

sociais de todas as ordens requerem que os sujeitos sejam capazes de lidar com o imprevisto, que sejam cada vez mais autônomos. Nesse mundo em constantes transformações, ler, escrever, inferir, questionar, ser ativo no mundo, são exigências que o progresso da civilização demanda dos sujeitos. Toda essa transformação tecnológica trouxe impactos imediatos nos processos educacionais corroborando para se pensar sobre os modos de alfabetizar. Sobre isso, Soares (2017, p. 63) ressalta:

esses comportamentos e práticas sociais de leitura e de escrita foram adquirindo visibilidade e importância à medida que a vida social e as atividades profissionais tornaram-se cada vez mais centradas e dependentes da língua escrita, revelando a insuficiência de apenas alfabetizar.

Ao docente, é necessário compreender que alfabetizar consiste em ensinar a ler e a escrever e que para isso as práticas pedagógicas devem estar aliançadas às práticas sociais dos sujeitos envolvidos. É necessário que se tenha uma função social para o ensino da leitura e escrita.

3. CAPÍTULO II – O SISTEMA DE ESCRITA ALFABÉTICA

Neste capítulo, será apresentado o conceito de Sistema de Escrita Alfabética bem como a importância da avaliação, intervenção e monitoramento, elementos imprescindíveis no processo de alfabetização e letramento. Nesse sentido, a importância do professor avaliar, intervir e monitorar contribuirá para que o estudante seja capaz de alcançar a base alfabética e desenvolver um repertório satisfatório em relação à apropriação das práticas de leitura e escrita.

3.1 As fases da escrita

O Sistema de Escrita Alfabética pode ser compreendido como um eixo de ensino de extrema importância no ciclo de alfabetização, principalmente no primeiro ano. Por sua importância, ele norteia e organiza todas as ações docentes a fim de que o estudante alcance o nível alfabético permitindo-lhe o domínio das correspondências grafema – fonema, articulado às práticas de letramento. No entendimento de Soares (2006), ler e escrever não deve se organizar e estruturar apenas como um aprendizado mecânico do alfabeto, mas, se dispor e inter-relacionar com as vivências e práticas comunicativas da sociedade, cabendo à escola articular esses sentidos em diferentes estratégias. A definição da escola como espaço socialmente reconhecido, planejado e sistematizado como esclarece Morais (2012), deve ser organizado como garantia de um ensino ajustado de modo que os alunos cheguem ao final do primeiro ano compreendendo a escrita alfabética. O estudante que chega a fase de escrita alfabética se depara com a possibilidade de continuidade na consolidação do processo de alfabetização. Tornar-se alfabético é um direito do aluno de modo que professores e demais envolvidos nesse processo devem garantir e criar espaços e momentos para que o ato de reflexão sobre a escrita possa emergir. Sobre a importância do professor como mediador, Prestes (2012) discorre que as tarefas praticadas pelas crianças constituem possibilidades de desenvolvimento, porém, se a criança não contar com a colaboração de outra pessoa em determinada fase de sua vida, poderá não desenvolver determinadas funções intelectuais e, mesmo se dispondo da

colaboração de uma pessoa mais experiente, isso não garante o seu amadurecimento. Nesse sentido, Freire (2013) afirma que:

a conscientização não pode existir fora da “práxis”, ou melhor sem o ato ação-reflexão.[...] Por isso mesmo, a conscientização é um compromisso histórico. É também consciência histórica: é inserção crítica, implica que os homens assumam papel de sujeitos que fazem e refazem o mundo (FREIRE, 2013, p. 26).

A criança, ao ingressar no Ensino Fundamental, se depara, com frequência, com práticas sistematizadas, organizadas e planejadas de alfabetização. O primeiro ano do primeiro ciclo marca uma etapa de ensino Regular e, por vezes, há um distanciamento ou ruptura com as práticas da Educação Infantil, voltadas para o brincar e para a ludicidade. Porém é importante que o docente entenda que na transição da Educação Infantil para o Ensino Fundamental a criança não deixa de ser criança. Ao pensar em um planejamento que contemple essa etapa do ciclo da infância, o professor deverá oferecer atividades banhadas pela ludicidade, voltadas para brincadeira. Isso pode acontecer em um contexto com músicas, histórias e brincadeiras.

De acordo com Moraes (2005), alfabetizar não é apenas codificar e decodificar, mas o sujeito precisa de um contexto letrado para tornar-se alfabetizado. Para esse autor a escrita é um sistema notacional e não um código. Conclui que a escrita alfabética é “o enigma que o aprendiz terá que descobrir” (MORAIS, 2005 p.30). Para ele, o sistema notacional é uma apropriação interna e individual, em que o aprendiz se esforça para compreender. Para isso, torna-se imprescindível o trabalho do professor junto ao estudante, pois, o mesmo reconstrói o sistema de escrita alfabética (MORAIS, 2012, p.50).

Sobre as fases da escrita, é importante ressaltar que a criança constrói respostas para as questões “o que a escrita representa/nota? e como a escrita cria representações/notações”(MORAIS, 2012, p.53).

Na fase pré-silábica a criança se depara com a pergunta o quê. Ela ainda não descobriu que a escrita representa/nota a pauta sonora. (MORAIS, 2012, P.54). Por esse motivo, o estudante se envereda por um caminho em que terá que descobrir como a escrita alfabética cria representações ou

notações. É comum nessa fase a criança não diferenciar desenho de escrita, usar rabiscos e garatujas, símbolos que conhece. Ao avançar em suas hipóteses nessa fase, as crianças começam a perceber, ao usarem letras, que as mesmas não podem ser escritas do mesmo jeito e por esse motivo começam a dar características aos objetos. Morais (2012, p.56) comenta que esse evento foi nomeado aqui no Brasil por Terezinha Nunes e Lúcia Browne Rego como realismo nominal. Um exemplo é o estudante pensar que por ser pequena a formiguinha ela deverá ter menos letras, e o boi que é grande e forte, o registro escrito haverá mais letras.

Na fase silábica a criança percebe que a escrita nota a pauta sonora. Ela entende que para cada sílaba que pronuncia deve-se colocar uma letra. Nessa fase a criança busca responder as questões o quê e como. Ao ser capaz de responder o que a escrita nota ou registra, que é a pauta sonora, ela descobre também que para cada sílaba pronunciada ela deverá colocar uma letra (MORAIS, 2012, p.58). Esse autor chama atenção para uma especificidade presente nessa etapa da escrita. Nela há a distinção entre dois grupos para os estudantes classificados na fase silábica. São elas: silábicas quantitativas que são sem valor sonoro; e silábicas qualitativas, que possuem valor sonoro. O estudante na fase silábica quantitativa, na escrita, para cada sílaba oral irá colocar uma letra e essas letras usadas não têm a ver com os sons das sílabas orais. Os registros escritos dos estudantes na fase silábica qualitativa, já se preocupam com a escrita no sentido que, ao escreverem, para cada sílaba uma letra colocada apresente-se com valor sonoro (MORAIS, 2012, p. 60).

Na fase silábico-alfabética a criança descobre que precisa colocar mais uma letra, o que a faz refletir sobre o interior das sílabas orais (MORAIS, 2012, p.62). Essa descoberta permite que o aluno reflita sobre o interior das sílabas orais, o que o concede ir abandonando a hipótese anterior. Agora ele se encoraja a colocar mais uma letra para cada sílaba (MORAIS, 2012, p.62-63).

Na fase alfabética a criança coloca, na maioria dos casos, uma letra para cada fonema que pronuncia e se depara com a descoberta de o quê e como sobre a aquisição do sistema de escrita alfabético (MORAIS, 2012, p. 64). Nessa fase final suas notações possuem muitos erros ortográficos, pois ela acredita que “cada letra deveria equivaler a um (único) som e cada som deveria equivaler ser notado por uma (única) letra” (MORAIS, 2012, p. 65). De

acordo com Moraes (2012), o estudante percorreu um longo caminho sobre o SEA e ao alcançar a fase alfabética da escrita não se pode confundir que ele está alfabetizado, pois, ele se deparará com questões das convenções som-grafia.

Não cabe neste trabalho descrever as intervenções realizadas para que os alunos que estavam na fase pré-silábica evoluíssem no sistema de escrita alfabética, pois o objetivo é descrever sobre o avanço do estudante que no mês de abril de 2019 estava na fase da escrita pré-silábica e acompanhar esse avanço até o mês de julho de 2019. Apesar disso, é importante considerar alguns apontamentos importantes acerca da intervenção sobre o processo do sistema de escrita alfabética com os alunos do primeiro ano do primeiro ciclo. As intervenções, de certa forma, são ações que demandam planejamento e organização do professor para aplicá-los. Sobre a importância de atividades planejadas Moraes (2012, p. 122) ressalta que “é preciso, intencionalmente, planejar a cada dia os dois tipos de situações: de aprendizado da escrita alfabética e de aprendizado da linguagem que se usa ao escrever”.

O planejamento docente diário organiza as ações do professor e contribui para uma rotina sistematizada. Essa ação já se constitui como uma estratégia de intervenção. A construção da rotina em sala, o uso da agenda, o registro da merenda no quadro realizada pelo aluno ajudante do dia e análise desse registro realizada pela professora, as músicas ouvidas, os livros selecionados para leitura do professor ou dispostos para acesso livre dos alunos e também as brincadeiras que promovem habilidades de consciência fonológica são algumas ações que já auxiliam o aluno a pensar sobre a escrita cooperando para seus avanços no sistema de escrita alfabética.

Se por um lado a ‘Escadinha’ foi um instrumento para registro do nível de escrita dos alunos, que culminava para uma visibilidade coletiva do processo do SEA de cada estudante, e também individual, por outro lado, e ao mesmo tempo ela contribuía para que a professora pensasse em intervenções, ações planejadas para cada criança ou grupo de alunos, embora contemplados nas práticas diárias da organização do trabalho de alfabetização na sala de aula. Era notório que alguns alunos precisavam de atenção individual e sistemática da professora.

4. CAPÍTULO III – PESQUISA DE CAMPO

4.1 Metodologia

Com vistas à ampliação do conhecimento sobre o Sistema de Escrita Alfabética, o tema de estudo escolhido se direciona a uma pesquisa descritiva e o investigador interessa-se mais pelo processo, contexto e fenômeno natural do que pelos resultados (MATTOS, 2005). Trata-se também de uma pesquisa qualitativa que envolve observação participante.

O primeiro momento deste projeto foi direcionado ao estudo bibliográfico de autores tais como Emília Ferreiro (1985), Magda Soares (2006; 2017), Artur Gomes de Moraes (2012; 2019), Paulo Freire (2013) e Zoia Prestes (2012).

O trabalho destacou o processo e análise de 6 estudantes do 1º ano do 1º ciclo acerca do processo de aquisição do Sistema de Escrita Alfabética bem como as implicações do processo e análise das práticas de alfabetização e letramento a partir do instrumento nomeado 'Escadinha'.

No segundo momento da pesquisa foi realizado o trabalho de campo em uma escola pública de ensino fundamental em uma turma do primeiro ano do primeiro ciclo no ano de 2019. O foco da análise centrou-se em alunos que estavam no nível da escrita pré-silábica. Para isso, foi descrito o processo e a análise dos estudantes do 1º ano do 1º ciclo acerca do processo de aquisição do Sistema de Escrita Alfabética (SEA), bem como as implicações do processo e análise das práticas de alfabetização e letramento a partir das possibilidades de monitoramento e intervenção da aprendizagem do SEA, tendo como recurso instrumento nomeado 'Escadinha'. Assim, foi necessário explicar o conceito de alfabetização e letramento; descrever o Sistema de Escrita Alfabética e as intervenções realizadas em cada hipótese com os alunos pré-silábicos.

As atividades de registro da escrita dos alunos aconteceram mensalmente, por meio de imagens de um mesmo grupo semântico, que subsidiaram a análise da escrita de cada aluno pré-silábico.

Os registros escritos dos estudantes foram analisados relacionando-os com respaldo teórico já apresentado. A cada mês do ano letivo foi realizada a atividade de escrita. Esta atividade teve início na primeira semana de aula em fevereiro a partir da leitura de um livro realizada pela docente. Trata-se do livro

‘O Vira Lata Filé’ de Cláudia Ramos, que tem um cachorro como personagem principal do livro. E a última atividade foi realizada em julho. Não foi objetivo desse trabalho descrever sobre a organização da rotina escolar. Mas, é pertinente ressaltar que o planejamento e cuidado com a rotina já se faz como elementos de intervenção sobre o SEA, uma vez que essa prática permite ao aluno, em vários momentos do tempo escolar, pensar sobre a escrita. Ao usar a ‘Escadinha’ como recurso, pretendia-se socializar e trazer visibilidade aos envolvidos.

A primeira ‘Escadinha’ foi apresentada aos alunos e aos seus responsáveis em abril e a segunda na primeira semana de agosto. O primeiro ano do primeiro ciclo possui algumas especificidades em relação à organização do tempo escolar. Por esse motivo, foi feita a escolha de analisar, junto aos alunos, no início e ao final do trimestre. As crianças são novatas na escola e precisam de um tempo para adaptarem-se à rotina institucional e à sala de aula.

A escolha do mês de agosto aconteceu devido ao grande número de alunos infrequentes no mês de julho. É importante ressaltar que a coordenadora pedagógica recebeu, mensalmente, os registros da ‘Escadinha’ referentes ao desempenho dos alunos, para que pudesse acompanhar o desenvolvimento dos mesmos. Todos os alunos foram contemplados por meio da ‘Escadinha’. O primeiro trimestre escolar é marcado pela sistematização da rotina e combinados, isso faz parte do processo para que os estudantes sintam-se seguros no ambiente escolar, o que contribui para processo educacional minimamente ajustado.

Todos os responsáveis pelos alunos pesquisados assinaram o Termo de Consentimento/ Compromisso Livre e Esclarecido.

4.2 Perfil dos estudantes pesquisados

Os estudantes pesquisados são do primeiro ano do primeiro ciclo da Rede Pública de Ensino. São todos novatos em uma turma com vinte e quatro alunos sendo doze do sexo feminino e doze do sexo masculino. De fevereiro até julho, três alunos pediram transferência para outra escola e três alunos novatos foram inseridos na turma. Trata-se de uma turma de estudantes infrequentes. Os pais justificam as faltas tão frequentes acontecem por fatores relacionados à separação conjugal e doença dos filhos. Por esse motivo, é comum as crianças passarem um dia na casa do pai, no outro da mãe ou dos avós. A infrequência dos alunos prejudica o processo de alfabetização, uma vez que este precisa de sistematização e sequência no planejamento, e a assiduidade é de extrema importância. Isso se justifica pelo fato já mencionado acerca das especificidades do 1ºano do 1ºCiclo. Uma delas é a dimensão da linguagem oral e das práticas pedagógicas voltadas para esse eixo de ensino.

No próximo capítulo será apresentado a análise de dados e os instrumentos usados para auxiliar o acompanhamento do processo de aquisição do Sistema de escrita Alfabética dos estudantes.

5. CAPÍTULO IV - ANÁLISE DE DADOS

Apresento nesta seção, a análise dos registros coletados. Será exposto a 'Escadinha', instrumento nomeado para acompanhar o desempenho e avanços dos estudantes acerca do Sistema de Escrita Alfabética bem como de todos envolvidos nesse processo. Em seguida, a matriz do registro espontâneo realizado mensalmente. Logo após, um registro da merenda escolar que fora realizado por um estudante. Depois, os quadros de alunos infrequentes no dia da realização da escrita espontânea e de transferências de estudantes ocorridas no processo da coleta de dados. Por fim, o quadro de monitoramento, que elucida a escolha dos seis alunos contemplados para análise desta pesquisa.

5.1 A Escadinha

A seguir, exponho a matriz da Escadinha. Esta é a matriz original. Os estudantes entendem que cada degrau representa um 'lugar' que cada um está em relação à aquisição do sistema de escrita alfabético. Eles recebem o papel xerocado com o nome escrito no degrau que corresponde ao seu nível no sistema de escrita alfabético e com um adesivo colado próximo ao seu nome. A realização dessa atividade acontece coletivamente. A professora desenha a 'Escadinha' no quadro e efetua as considerações de avanços ou não de cada estudante quanto ao SEA. Essa folha é levada para casa e o estudante é orientado a mostrá-la aos seus familiares que farão a apreciação que acharem mais adequada.

Este Barco também é seu!
 Escola Municipal Professora Isaura Santos
 Rua Hoffmann, 80, Bairro de Gisea, Tel. 3277 9552
 "Ninguém é tão bom quanto todos nós juntos"

NOME: _____ DATA: ____/____/____

ESCADINHA


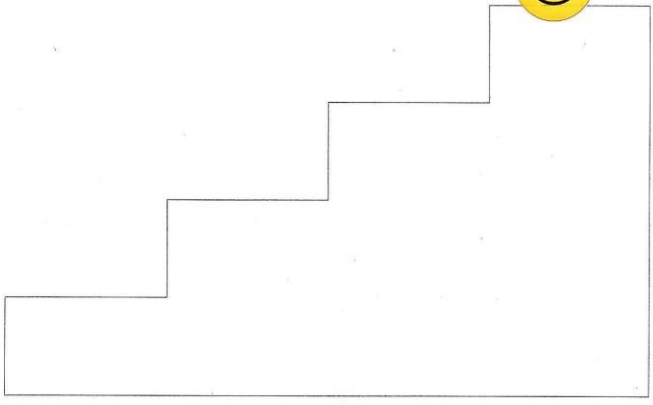



Imagem 1- Escadinha do aluno/família
 Fonte: Acervo da autora

O modelo da próxima 'Escadinha' possibilitou à professora e à coordenadora pedagógica o acompanhamento do SEA dos estudantes. Uma vez ao mês era enviado uma cópia da 'Escadinha' para coordenadora pedagógica e nela incluía o número da quantidade de alunos nos respectivos degraus em que estavam no SEA. A mesma estratégia se direcionava à professora, que arquivava os registros para que fosse possível o acompanhamento do processo.

Este Barco também é seu!
 Escola Municipal Professora Isaura Santos
 Rua Hoffmann, 80, Bairro de Gisea, Tel. 3277 9552
 "Ninguém é tão bom quanto todos nós juntos"

NOME: _____ DATA: ____/____/____

ESCADINHA

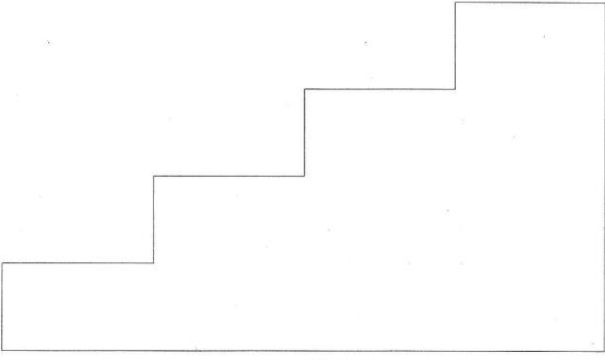


Imagem 2 – Escadinha professora/coordenadora
 Fonte: Acervo da autora

5. 2 Matriz da escrita espontânea

Para avaliar os conhecimentos dos alunos acerca do SEA uma atividade de escrita espontânea foi realizada mensalmente. A realização dessa atividade foi respaldada nas orientações de Morais (2012, p.165), como pedir as crianças para escreverem como souberem as palavras, com diferentes números de sílabas. Ele aponta que este tipo de atividade permite um acompanhamento sistemático dos progressos dos alunos.

A escolha pela letra de imprensa maiúscula tem algumas razões didáticas apontadas na literatura. Como defende Morais (2012, p. 142-143) a iniciação do ensino do SEA, por terem traçado simples, ajuda o aluno no momento da reflexão ao escrever. Assim, a criança percebe onde se inicia a letra de uma palavra e onde termina, a sua ordem, a quantidade de letras em uma palavra, e terá facilidade para comparar tamanhos e escritas parecidas.

Sobre o registro escrito, Morais (2012, p.166) aponta uma lista de cuidados sobre esse tipo de atividade. As palavras devem ser do conhecimento dos estudantes, porém, não devem ser palavras afixadas em murais, ou já memorizadas pelos alunos; as palavras devem variar em relação ao número de sílabas e de preferência do mesmo campo semântico; ao dizer o nome das palavras deve-se pronunciá-las naturalmente sem artificializar; às crianças na fase pré-silábica e silábica, ao terminarem de escrever uma palavra, deve-se pedir a elas que leiam apontando com o dedo o que escreveram (MORAIS, 2012, P. 166-167). O fato do registro matriz não conter um registro de uma frase a ser realizada pelo estudante não comprometeu o trabalho, pois outras estratégias contidas na organização do trabalho de sala de aula já contemplavam esta prática e análise.



Este Barco também é seu !
Escola Municipal Professora Isaura Santos
Rua Hoffman, 80, Barreiro de Cima, Tel. 3277 5956
"Ninguém é tão bom quanto todos nós juntos"

NOME _____

DATA _____

1) ESCREVA O NOME DOS ANIMAIS.

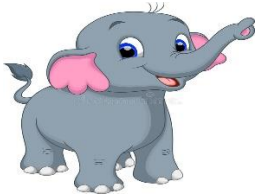


Imagem 3 – Escrita espontânea
Fonte: Acervo da autora

5. 3 Registro da merenda

A organização do trabalhado escolar inicia-se com a construção da rotina. Consta nela o ajudante do dia, que é um estudante que ajudará a professora em pequenas tarefas cotidianas. A escolha segue o critério da ordem alfabética, o que oferece oportunidade a todos os alunos e auxilia na sistematização do alfabeto.

Uma das tarefas do ajudante do dia é a ida a cantina da escola para descobrir qual é o cardápio do dia, em seguida, na sala de aula ele deverá realizar o registro no quadro. Esse tipo de atividade é importante porque permite o contato dos estudantes com a escrita e por esse motivo propicia a compreensão de que “a escrita nota a sequência de partes orais das palavras” (MORAIS, p. 12, 2019). Após o registro é realizado a análise coletivamente. O estudante realizou o seguinte registro: Arroz temperado com suco. Em seguida, professora e alunos se dedicam a análise da frase. A análise do registro se inicia com a pergunta sobre qual é a merenda de hoje?

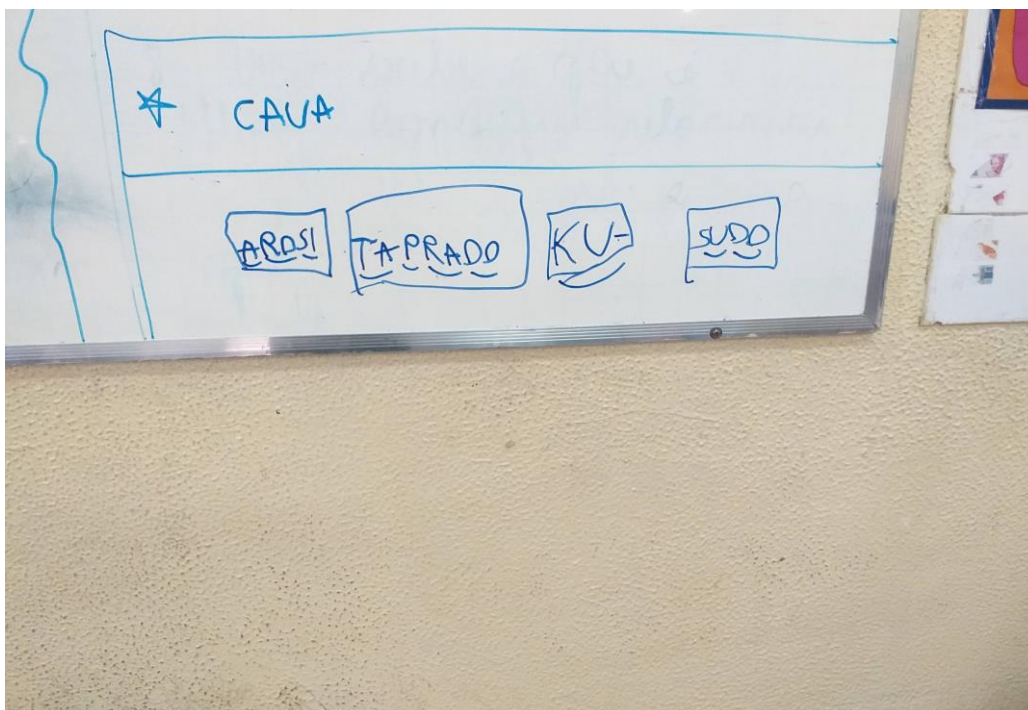


Imagem 4 – Merenda do dia
Fonte: Acervo da autora

Após o registro do estudante a professora pergunta: - Qual é a merenda de hoje? E o ajudante do dia usando os dedos das mãos aponta para seu registro nomeando o que escreveu.

A partir disso, a professora registra na lousa retângulos nomeando-os com números que representam cada palavra. Antes, faz a pergunta para os alunos: - Quantas palavras tem essa frase? Os retângulos servem para dar noção de palavra, delimitar o espaçamento das palavras na frase e para facilitar questões relacionadas à segmentação.

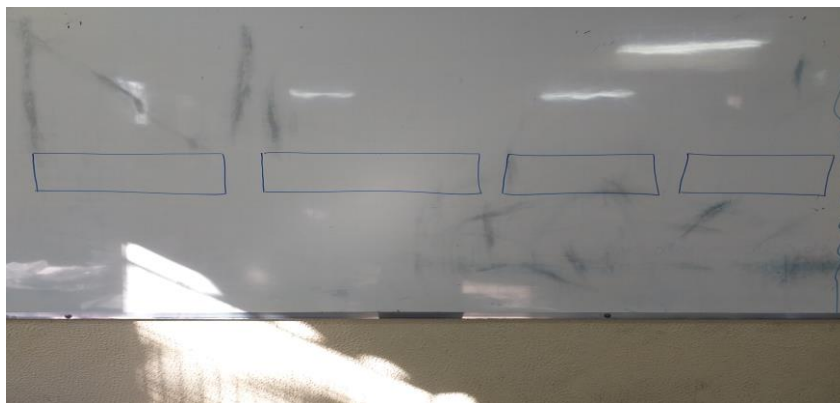


Imagem 5 – Merenda do dia
Fonte: Acervo da autora

A próxima ação será colocar traços nos retângulos. Os traços que representam as letras a serem descobertas pelos alunos. Cada retângulo terá a quantidade de letras de acordo com as palavras que ele representará.

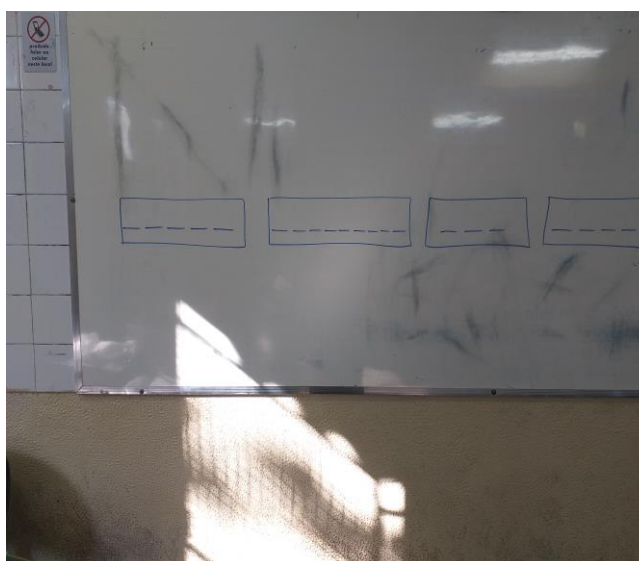


Imagem 6 – merenda do dia

Fonte: Acervo da autora

O próximo passo é pedir para que cada aluno fale uma letra para poder formar as palavras e descobrir a escrita correta da frase. O aluno deverá pensar sobre a palavra como destaca Morais (p. 187, 2019).

a presença da forma escrita das palavras potencializa a reflexão sobre suas partes sonoras, o fato de o próprio aprendiz selecionar e ordenar letras “prontas, que constituem unidades “amplifica” sua capacidade de pensar sobre a notação escrita e sua relação com os segmentos sonoros que ela substitui.

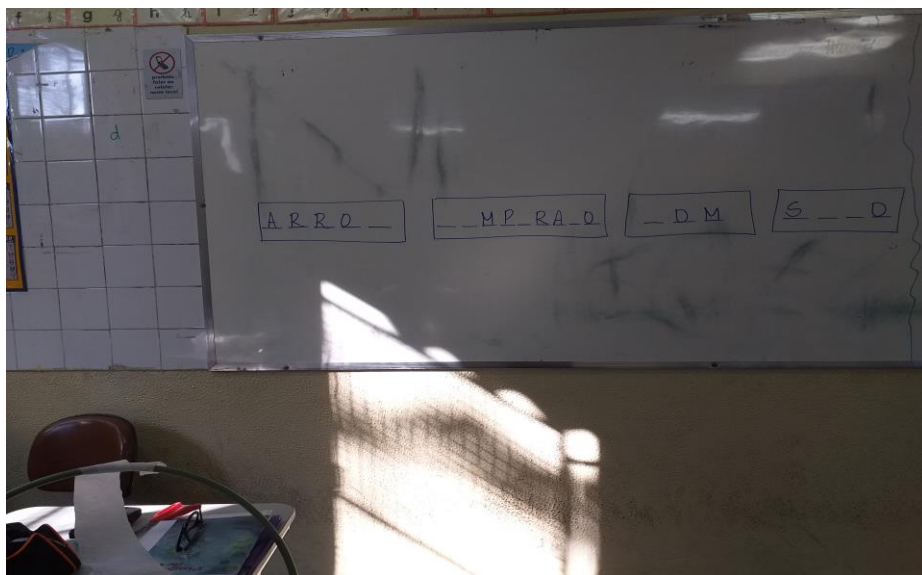


Imagem 7- Merenda do dia

Fonte: Acervo da autora

A próxima imagem mostra a frase completa. Após isso, o próximo passo é descobrir a merenda do dia e se esta foi notada corretamente. Ao final desse processo muitos alunos já fizeram esta descoberta. A turma apresentava-se com grande quantidade de alunos alfabéticos. Isso demonstra porque houve poucos erros como é apresentado pelas letras F,X,I. Após esse registro, é perguntado ao ajudante do dia: “teve engano em seu registro?” Neste caso sim. Ao realizar essa análise o estudante vai ao quadro e aponta onde errou e quais letras trocou, omitiu e faz a correção necessária.

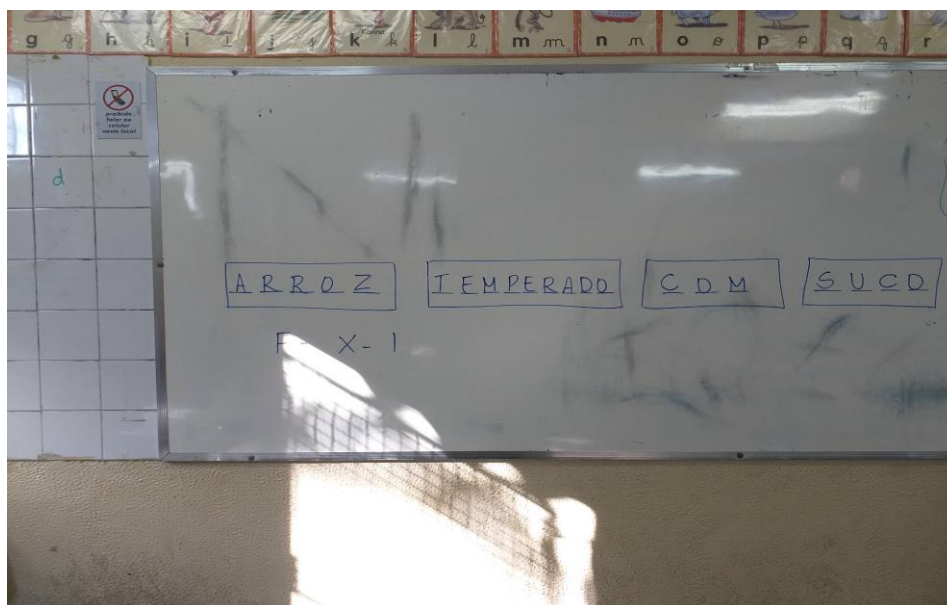


Imagem 8- Merenda do dia

Fonte: Acervo da autora

Como mencionado anteriormente, esta atividade faz parte da rotina da sala, e a frase acima foi registrada ao longo do ano com frequência, uma vez que no cardápio escolar é muito comum arroz temperado. Cabe ressaltar que perguntas como: quantas letras tem essa palavra? Qual é a maior palavra? Com que letra começa esta palavra? Com que letra termina? Qual é a primeira sílaba? Quantas sílabas esta palavra tem? Fale outra palavra que começa com a mesma sílaba... Fale uma palavra que termina com a mesma sílaba de... Todas estas perguntas e outras que surgem no processo ou demandadas pelos próprios alunos fazem parte da análise do registro do ajudante do dia e do ensino do SEA. Servem também como palavras geradoras de outras atividades.

Neste dia escolhemos uma palavra dentro da frase analisada e foi realizado um rápido acróstico com os alunos. A palavra escolhida foi suco, dela apareceu: sapato, urso, coelho, ovelha. Outras palavras foram apontadas pelos alunos, porém, estas foram as escolhidas para serem registradas na lousa.

Aos alunos mais avançados no SEA foi perguntado o seguinte: “Por que temperado é com M e não N?” Não é especificidade do primeiro ano o ensino das regras, mas isso não impede que os mesmos tenham acesso à informação. Sobre o aprendizado da ortografia, Morais (p. 161, 2012) orienta

que ela é diferente do ensino do SEA e não deve começar seu aprendizado sem antes o aluno ter consolidado as as correspondências grafema-fonema.

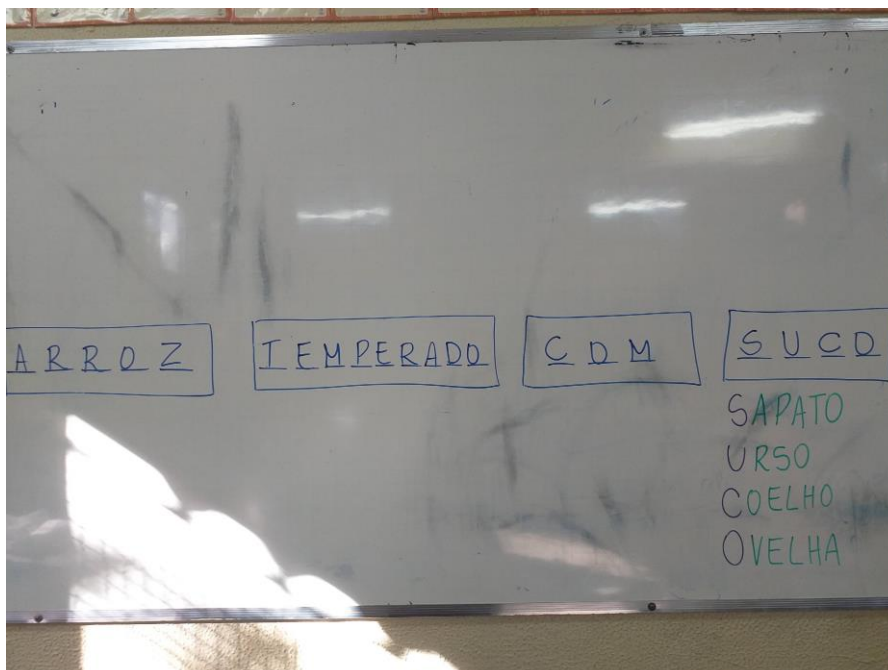


Imagem 9 – Merenda do dia

Fonte: Acervo da autora

Registro final do aluno. Mesmo assim, ele deixou de registrar a letra C da palavra suco. Isso serviu para mobilizar os outros colegas. Que inquietos, disseram: “seu registro está incompleto, esta faltando letra C de suco.”

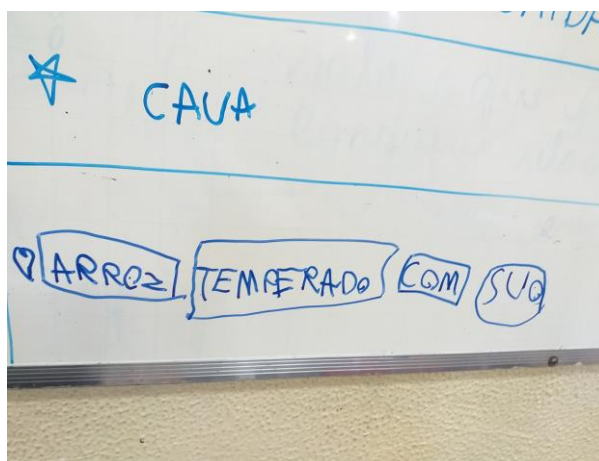


Imagem 10- Merenda do dia

Fonte: Acervo da Autora

5.4 Alunos infrequentes

O quadro abaixo aponta a quantidade de alunos ausentes no dia da realização do registro espontâneo. O registro acontecia na primeira semana de cada mês e era realizado coletivamente e individualmente.

MESES	ALUNOS INFREQUENTES
FEVEREIRO	Zero
MARÇO	Dois
ABRIL	Dois
MAIO	Dois
JUNHO	Três
JULHO	Dois

Quadro 1- Alunos infrequentes
Fonte: Acervo da autora

5.5. Transferências escolares

A seguir, o quadro de transferência dos alunos. A apresentação desse quadro torna-se importante, pois interfere na análise de dados. Porém, não prejudicou a pesquisa, apenas, interferiu na quantidade de alunos em cada fase do Sistema de Escrita Alfabética.

MESES	ALUNOS TRANSFERIDOS PARA OUTRA ESCOLA
FEVEREIRO	Zero
MARÇO	Um aluno saiu Uma aluna entrou
ABRIL	Zero
MAIO	Uma aluna saiu
JUNHO	Uma aluna entrou e outra saiu
JULHO	Zero

Quadro 2 – Transferência de alunos
Fonte: Acervo da autora

5.6 Quadro de monitoramento da evolução do SEA dos estudantes.

Este é o quadro de acompanhamento dos estudantes acerca do Sistema de Escrita Alfabética. O objetivo do trabalho foi acompanhar todos os vinte e quatro estudantes em relação ao seu desempenho no SEA, tendo como recurso o instrumento 'Escadinha'. Para este trabalho foram selecionados os estudantes que, no início de fevereiro, se encontravam na fase pré-silábica do SEA e, a partir disso, para análise de dados, a pesquisa centrou-se nos seis estudantes que no mês de abril permaneciam na fase pré-silábica. O motivo da escolha era acompanhar aqueles estudantes que, por algum motivo, apresentavam dificuldades em avançar no SEA.

NÍVEIS SEA	FEVEREIRO	MARÇO	ABRIL	MAIO	JUNHO	JULHO
PRÉ-SILÁBICO	12	7	6	4	2	1
SILÁBICO	5	9	8	5	5	7
SILÁBICO-ALFABÉTICO	4	4	5	4	5	2
ALFABÉTICO	3	2	4	8	9	13

Quadro 3- Monitoramento do SEA
Fonte: Acervo da autora

5.7 Avanços dos estudantes no SEA

Os registros aqui destacados contemplaram os meses de abril, maio, junho e julho. Ressalta-se que o registro da escrita foi coletado desde o mês de fevereiro. Como já mencionado, o primeiro ano tem suas especificidades em relação ao acolhimento dos alunos, que são novatos, a adaptação dos mesmos no ambiente escolar e na organização do planejamento e rotina em sala de aula. A escolha pelo mês de abril para entrega e conversa sobre a primeira 'Escadinha' aconteceu com os alunos em sala de aula e com seus pais, na

reunião de pais. Este mês foi escolhido, pois questões anteriores relacionadas à organização e planejamento escolar já haviam sido alcançadas. Apesar disso, os alunos já estavam sendo orientados desde fevereiro sobre como aconteceria.

Os seis estudantes escolhidos encontravam-se todos em abril na fase pré-silábica. A escolha por eles é que, de alguma maneira, questões de ordem pessoal como insegurança, medo de ficar sozinho na escola e dos responsáveis não voltarem para buscá-los, dentre outros motivos e também questões familiares interferiram em seus avanços, como separação de pais, violência, mas, estes fatores não impediram que avançassem. Mesmo permanecendo um aluno pré-silábico no mês de julho, o mesmo apresenta evidências de seu avanço, dentro de suas limitações e particularidades singulares. Outro elemento importante que interferiu na escolha para análise de dados do grupo selecionado ocorreu devido ao fato de, ao analisar os registros de fevereiro a abril, muitos alunos tinham avançado para etapas seguintes.

A análise apresentada neste trabalho é dos registros coletados até o mês de julho. Cabe ressaltar que o trabalho continuará sendo desenvolvido durante o segundo semestre de 2019 em sala de aula. Para este trabalho, constará apenas os meses destacados, por uma questão de cumprimento de prazos para entrega da pesquisa. Cada estudante analisado neste trabalho, leu individualmente as palavras que registrou, apontando cada uma delas com o dedo.

Para preservar o anonimato dos alunos, será indicado uma letra do alfabeto para cada nome. Todos os alunos serão retratados como sendo do sexo masculino.

Estudante A

Mês	Palavra a ser escrita	Escrita realizada pelo estudante
Abril	Elefante Girafa Jacaré Cão Rato Hipopótamo	PARPCTEH SATDAN PIDHM JANAINA LITOCZO LAUUA
Maio	Elefante Girafa Jacaré Cão Rato Hipopótamo	ANQRA GABRA HORAB CARAN MORAI IORAB
Junho	Elefante Girafa Jacaré Cachorro Rato Hipopótamo	AINO GIAM RAINO IORA AORD IAMR
Julho	Elefante Girafa Jacaré Cão Rato Hipopótamo	ALFT GMAI CTRN KQMO ARIMQ IPO

O aluno A, apresentou escrita pré-silábica em abril. Ao fazer esse registro ele não reconhecia todas as letras do alfabeto. A palavra 'janaina', escrita na figura em que apresenta uma imagem de um cão, foi uma cópia retirada de um mural na sala de aula. No mês de maio já apresenta uma escrita silábica, permanecendo assim até o mês de julho. Ao pedi-lo para realizar a

leitura do registro do mês de abril usando os dedos, o estudante realizou a leitura horizontalmente, o que já não ocorreu nos meses seguintes em que houve a presença de uma pausa, representando a pauta sonora. Na fase silábica, nos meses de junho e julho e representando a palavra elefante, foi possível perceber na leitura que o aluno já apresenta uma hipótese qualitativa, isto é, ele preocupou-se “em utilizar uma letra que se adequasse ao som por ele escutado” (COUTINHO, 2005, P.57).

Estudante B

Mês	Palavra a ser escrita	Escrita realizada pelo estudante
Abril	Elefante Girafa Jacaré Cão Rato Hipopótamo	AS-K-OGT MOUUA JOQSKH CKSTAU RQSGN LQTAV
Maio	Elefante Girafa Jacaré Cão Rato Hipopótamo	ECQÃOÇ GOSA JASASO CAÇO IOCV HSDUG
Junho	Elefante Girafa Jacaré Cão Rato Hipopótamo	ELEFIÃO GIEAFA JDKOLE CGLALO IQLOA HIPOPOTO
Julho	Elefante Girafa	ELEFE GILAFA

	Jacaré	JAQALA
	Cão	CASORU
	Rato	IQILO
	Hipopótamo	HIPOPOTNO

O aluno B encontrava-se na fase pré-silábica no mês de abril. Reconhecia quase todas as letras do alfabeto. Em maio encontrava-se na fase silábica, oscilando em algumas palavras com e sem valor sonoro. Nota-se, que algumas palavras já apresentam uma tentativa de escrita silábico-alfabética no mês de maio, como é o caso de jacaré (JASASO) e cachorro (CAÇO). Em junho seus avanços foram mais significativos culminando na fase silábico-alfabética representando todas as palavras com a escrita nessa fase. Em julho alcançou a fase alfabética. Ao alcançar o nível alfabético em julho, na palavra girafa, o aluno trocou o r pelo l, o mesmo aconteceu em jacaré, em que ele fez a troca do c pelo q e da sílaba ré por la. Em rato ele teve a intenção de escrever esquilo e cão tentou grafar cachorro. Isso é comum, pois os estudantes colocam uma letra para cada fonema pronunciado (MORAIS, 2012, p. 64).

Ademais, certas palavras apresentam dificuldades na escrita como é o caso de mesmo orientado a escrever cão, em sua grande maioria os alunos pensarem na escrita de cachorro, talvez por associarem ao cachorro Filé da leitura realizada em sala de aula.

De acordo com Morais (2012, p. 64-65), a criança que atingiu a hipótese alfabética criará “notações que contém muitos erros ortográficos”. O autor ressalta que, nessa fase, a criança continuará pensando que “cada letra deveria equivaler a um (único) som e cada som deveria ser notado por uma (única) letra”. Esse autor chama a atenção para que os educadores estejam atentos a essa fase não a confundindo como consolidação do processo de alfabetização, pois daí para frente os educandos irão se deparar com questões da ordem da convenção som-grafia, que demandam estratégias de ensino diferenciadas (MORAIS, 2012, p. 64-54).

Estudante C

Mês	Palavra a ser escrita	Escrita realizada pelo estudante
Abril	Elefante Girafa Jacaré Cão Rato Hipopótamo	EKXIYD GZONJ QWM RVT VLB CBS
Maio	Elefante Girafa Jacaré Cão Rato Hipopótamo	HUXQ OKLW LIKE TNMV ECG IWXYZ
Junho	Elefante Girafa Jacaré Cão Rato Hipopótamo	AQUR GHU MOY CJA ITEVE HIOW
Julho	Elefante Girafa Jacaré Cão Rato Hipopótamo	EFKOPSG EON OMQ TVKY ZVE HMWX

O estudante C encontrava-se na fase pré-silábica em abril. Ao pensar sobre as palavras, ele usou o alfabeto afixado em sala de aula e ao lê-las apontou o dedo horizontalmente não registrando nenhuma pauta sonora. Em maio ele avançou para fase silábica sem valor sonoro como apresentado na palavra elefante (HUXQ) e hipopótamo (IWXZ), ele leu hipopota. Nestas duas palavras, ele notou uma letra para cada sílaba. Nas outras palavras ao fazer a leitura ele acrescentou uma letra a mais. Isso pode ter acontecido devido às questões conflituosas que essa fase apresenta quanto ao registro de palavras dissílabas como registrado em rato (E CG), E representa uma sílaba (RA) e CG a outra sílaba (TO). Nos meses de junho e julho ele permaneceu na fase silábica. Apresentando uma hipótese silábica sem valor sonoro.

Estudante D

Mês	Palavra a ser escrita	Escrita realizada pelo estudante
Abril	Elefante Girafa Jacaré Cão Rato Hipopótamo	ECOHLT GOMNPE JBDILI MXACTH NAGJK IHLEOGC
Maio	Elefante Girafa Jacaré Cão Rato Hipopótamo	EAELCFTSRHK VHFA TGALPA JKYU AECAEAE EHAJLNR BDGOC AMREJ HLVQT GLDBIJHA LAMRLZ
Junho	Elefante Girafa Jacaré Cachorro	EHAIRH EUS RHA JLQHALI MTHAEF TFCHTI TGHA

	Rato	LHALHA
	Hipopótamo	LHALFSHA
Julho	Elefante	EATNOMNOR
	Girafa	GAHAHJI
	Jacaré	JAE FZAJÓ
	Cão	ADBXWYF
	Rato	AMTL
	Hipopótamo	HZSTDKHJAELCUHIAH

O estudante D de abril a julho apresentou-se na fase pré-silábica da escrita. Em suas leituras, sempre apontava horizontalmente as palavras. É curioso observar que a cada registro ele aumentava a quantidade de letras para cada palavra a ser grafada. Ao solicitar a mãe para uma reunião e assim poderemos compartilhar o desenvolvimento da criança bem como algumas dificuldades apresentadas em sala de aula em relação a compreensão do vocabulário, do alfabeto e da própria rotina e desempenho do aluno em sala de aula, a mãe relatou que estava preocupada, pois em casa ele demonstrava dificuldade de sistematizar o aprendizado do alfabeto. Nos registros das palavras do mês de maio, verificou-se o acréscimo de muitas letras. Ao observar este aluno desenvolvendo a atividade, percebi que ele olhava para o alfabeto afixado na parede da sala e colocava quantas letras coubessem no espaço destinado ao registro.

No momento da leitura não havia presença de pauta sonora, o que descarta a hipótese sobre realismo nominal uma vez que ao registrar rato e hipopótamo ou elefante notou com muitas letras todas elas. Porém, é possível levantar a hipótese de que este estudante esteja usando a hipótese de variedade. Nessa hipótese conforme Ferreiro e Teberosky (1979, apud Morais, 2012, p. 57):

No caso da hipótese de variedade, a criança descobre que não se pode ler sequências nas quais todas as letras são iguais e que, para escrever palavras diferentes, não se pode produzir notações iguais. Para criar variações entre palavras e no interior de uma mesma palavra, ela virá a “jogar”, então com as possibilidades disponíveis: O número de letras que cada palavra vai ter, a ordem em que as letras aparecerão ou o repertório mesmo de letras que usará para cada palavra.

Outro fato interessante e comum nessa fase é usar as letras do próprio nome para notar as palavras, como aconteceu nos registros de junho. Em todas as palavras apareceu a letra H. Letra esta que compõe o nome do estudante.

Estudante E

Mês	Palavra a ser escrita	Escrita realizada pelo estudante
Abril	Elefante Girafa Jacaré Cão Rato Hipopótamo	FALTOU
Maio	Elefante Girafa Jacaré Cão Rato Hipopótamo	EAAS EUAN UMON ANU AUR IUNA
Junho	Elefante Girafa Jacaré C Rato	NMMQUQA EAUQUQV FOYUOMN AMNYSONQ PRQSNOA

	Hipopótamo	RPQQOANAS
Julho	Elefante	EUAN
	Girafa	IAU
	Jacaré	RIA
	Cão	HIO
	Rato	RANU
	Hipopótamo	IOUAN

Em abril o estudante E faltou não sendo possível verificar seu desempenho no SEA por meio do registro selecionado para avaliação. Em maio apresentou-se na fase silábica sem valor sonoro. Cabe notar que a letra U apareceu nos cinco registros escritos. Apenas em elefante, ele não a usou. Tanto as letras U quanto a letra A são letras do nome do estudante. Em junho houve uma questão de ordem familiar que afetou bastante essa criança. Isso foi possível verificar na escrita realizada nesse mês. Ao pedir para o estudante realizar a leitura, ele demonstrara uma regressão para fase anterior, pré-silábica. Porém, no mês de julho, mês seguinte, ele apresentou um salto grande no SEA. Muitos registros notaram a pauta sonora e com valor sonoro, como apareceu em hipopótamo (IOUAN). E a palavra rato demonstrou já uma transição para a fase silábico-alfabética, assim ele notou esta palavra (RANU).

Estudante F

Mês	Palavra a ser escrita	Escrita realizada pelo estudante
Abril	Elefante Girafa Jacaré Cão Rato Hipopótamo	A.M.S.E.D.T../C. GXQSP JANAINA COLA VÁÊLM.D P7i/H392
Maio	Elefante Girafa Jacaré Cão Rato Hipopótamo	ANTODM FIEL JKOP RSVU1 ABZR SEOCT
Junho	Elefante Girafa Jacaré Cão Rato Hipopótamo	DOSO LFIOAT JPOBO KPOBO ACOE OTÃI
Julho	Elefante Girafa Jacaré Cão Rato Hipopótamo	EOIPSDTI LIOAOR JKJO KLOE OPH OPEFPOHOS

Esse estudante (F) nos meses de abril e maio encontrava-se na fase pré-silábica apoiando sua escrita nos registros afixados em sala de aula tais como: mural, alfabeto móvel e outros. Ao registrar jacaré (JANAINA, cão (COLA), aparece números e símbolos. No mês de julho apresentou escrita

silábica. Apesar de alguns registros as palavras notadas apresentarem mais letras, o que não é característico dessa fase, ao realizar a leitura oral para professora, com os dedos, esse estudante leu apontando uma letra para cada sílaba. Ao ser perguntado sobre o restante das letras ele sorria demonstrando não entender o que havia acontecido.

Abaixo a 'Escadinha' do mês de julho com resultado dos avanços dos alunos no SEA.

Este Barco também é seu!
 Escola Municipal Professora Isaura Santos
 Rua Helmar, 80, Bairro de Cima, Tel. 3277 5959
 "Ninguém é tão bom quanto todos nós juntos"

NOME: _____ DATA: 10/1 19

ESCADINHA

The diagram shows a staircase with four steps of increasing height from left to right. Each step is labeled with a number: the first step is labeled '1', the second is '3', the third is '1', and the fourth is '1'. The steps are drawn with solid lines, and the numbers are handwritten in the center of each step.

Imagem 11- Escadinha final do mês de julho

Fonte: Acervo da Autora

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os avanços apresentados sobre a aquisição do Sistema de Escrita Alfabética dos estudantes avaliados ocorreram mediante a organização do trabalho de alfabetização na sala de aula. Essa organização foi apenas apontada nesse trabalho, pois não foi objetivo do mesmo relatar sobre o planejamento da sala de aula, mas, registrar os avanços dos seis estudantes que estavam na fase pré-silábica no mês de abril. Por meio da estratégia usada e nomeada de 'Escadinha', os estudantes foram capazes de nomear algo referente ao seu aprendizado e que tem a ver com as estratégias de ensino trabalhadas em sala.

O registro da merenda que acontece diariamente é uma prática que promove uma análise da escrita coletiva que foi realizada pelo ajudante do dia. Nesse momento é comum os estudantes perceberem o registro escrito e, a partir daí, compreenderem o porquê de estarem em determinado degrau da 'Escadinha'. A 'Escadinha' foi uma estratégia para dar nome ao que cada aluno estava sabendo, desenvolvendo acerca do SEA.

Para além dos alunos reconhecerem seus avanços no SEA, a 'Escadinha' também serve como suporte para que professores e coordenação sejam pontuais na intervenção para que o aluno seja contemplado em atividades que possam privilegiá-lo naquilo que ele precisa em determinado momento da sua evolução no SEA.

Esta pesquisa trouxe algo novo e enriqueceu os conhecimentos da pesquisadora. Os alunos se esforçam em pensar sobre a escrita. Cabe ao docente estar atento em sala de aula para fazer as avaliações necessárias e intervenções. A estratégia da 'Escadinha' foi pensada para priorizar um momento coletivo em que os alunos pudessem verificar seus avanços no SEA. O que se observou é que, apesar das expectativas por eles apresentadas, cada aluno já havia construído a priori um saber sobre seu processo e possíveis avanços. Quando um colega resolve uma situação problema de ordem ordinária eles inferem, "professora o fulano está sabendo muitas coisas", quando fazem um registro correto no quadro, quando soletram uma palavra sem erro, quando de repente leem uma palavra. A 'Escadinha' não se trata

apenas de um recurso, para que os alunos sejam capazes de inferir em seu processo, mas também de escuta do professor, para que seja possível criar, oferecer oportunidades de maneira que os estudantes sejam protagonistas a todo o momento.

O projeto surgiu a partir de questionamentos e inquietações sobre como tornar os alunos mais participativos e engajados no processo de alfabetização de modo que fossem capazes de compreender seus avanços no SEA. A 'Escadinha' foi uma estratégia para dar visibilidade ao processo, levando em consideração que os alunos, a todo o momento, pensam sobre a escrita. Isso acontece quando registram na lousa, quando cantam uma música com rima, quando tentam descobrir ou inferir sobre uma história contada pela professora. Os alunos são protagonistas a todo o momento. Isso não é novidade. A questão inusitada que se põe é a de não deixar escapar esses momentos em detrimento da culminância de uma estratégia apenas, a 'Escadinha', mas, aproveitar todas as possibilidades de construção de conhecimento trazidas por eles. A 'Escadinha' é um recurso que trouxe visibilidade e maior compreensão, mas não foi apenas ela. A análise do registro da merenda que acontece diariamente contribuiu muito mais para as crianças pensarem sobre a escrita do que a própria 'Escadinha'. A 'Escadinha' serviu para criança ver onde está, e o registro da merenda no quadro e o espontâneo na folha xerocada, serviram para ela pudesse pensar e construir um saber sobre sua escrita.

Trata-se então do processo, de estar atenta e de fazer possíveis apontamentos sobre a 'Escadinha' tais como: "O aluno X realizou esse tipo de atividade hoje, então é possível que ele tenha subido um degrau". Talvez a 'Escadinha' seja um instrumento que legitima onde cada um está. Ela traz visibilidade de modo coletivo, mas sem dúvida, penso que ela não é o único meio pelo qual as crianças se tornam protagonistas e mais participativas sendo motivadas a avançarem no SEA.

Em 2016 a turma que acompanhei tinha um perfil, a desse ano de 2019 tem outro perfil. Este trabalho contribuiu também para que se pudesse pensar acerca da singularidade das turmas, de cada grupo e de como deve ser flexível o professor para adaptar a proposta de ensino a determinado grupo, escutar as demandas, não apenas as coletivas, mas principalmente as singulares, que é o caso dos seis estudantes analisados nesse trabalho. Práticas enrijecidas,

mecânicas, repetitivas, certamente não contribuem para o andamento e sucesso do grupo.

As práticas de letramento também são imprescindíveis para emancipação dos alunos em seu desenvolvimento educacional, e elas estão na escola, se apresentam em um bilhete para os responsáveis que é colado na agenda do estudante por exemplo ou no próprio cardápio da merenda escolar. Pensar que uma estratégia apenas contribuirá para um processo tão complexo que é o de alfabetização é desconsiderar o que cada um poderá contribuir, e nesse sentido, é o que torna o trabalho do professor alfabetizador e de seus alunos potentes, o que torna o trabalho cheio de possibilidades.

O trabalho alcançou os objetivos vislumbrados uma vez que os estudantes avançaram em suas hipóteses no SEA, sendo possível acompanhar o processo por meio da “Escadinha”. Apesar, de o aluno D, ao final de julho, ter permanecido pré-silábico, este dado não permaneceu estático. A atividade de acompanhamento dos alunos continuou como já fora mencionado. Este estudante chegou ao início do mês de novembro de 2019 na fase alfabética.

Sempre que uma prática pedagógica bem sucedida é tentada a repetir-se, nunca, jamais, será da mesma forma, pois os atores nunca serão os mesmos, muito menos o grupo será formado da mesma maneira. Essa é a riqueza de ser professor. É tornar-se todos os dias professor. É alegrar-se com o inusitado e estar aberto para o novo que é aprender e viver.

7. REFERÊNCIAS

- COUTINHO, Marília de Lucena. Psicogênese da língua escrita: O que é? Como intervir em cada uma das hipóteses? Uma conversa entre professores. *Alfabetização apropriação do sistema de escrita alfabética*. Belo Horizonte. Autentica, 2005.
- FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva. *Métodos e didáticas de alfabetização: História características e modos de fazer de professores*. Belo Horizonte: Ceale/Fae/UFMG, 2005.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.
- FERREIRO, Emilia e TEBEROSKY, Ana. *Psicogênese da língua escrita*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.
- FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A. *Los sistemas de escrituras em el desarrollo del niño*. México: Siglo XXI, 1979.
- FERREIRO, Emilia. *Reflexões sobre alfabetização*. São Paulo, Cortez, 2001.
- PRESTES, Zoia. *Quando não é quase a mesma coisa – Traduições de Lev Semionovitch Vigotski no Brasil*. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2012.
- MATTOS, Pedro Lincoln Carneiro Leão de. A entrevista não estruturada como forma de conversação: razões e sugestões para sua análise. *Rev. Adm. Pública*; 39(4):823-847, jul-ago. 2005.
- MORAIS, Artur Gomes de. *Sistema de Escrita Alfabética*. São Paulo, Melhoramentos, 2012.
- MORAIS, Artur Gomes de. *Consciência Fonológica na Educação Infantil e no Ciclo de Alfabetização*. Belo Horizonte. Autêntica. 2019
- RAMOS, Cláudia. *O vira –lata Filé*. São Paulo, Paulinas, 2009.
- SOARES, Magda. *Alfabetização e letramento*. Belo Horizonte, Autêntica, 2006.
- SOARES, Magda. *Alfabetização e letramento*. São Paulo, Contexto, 2017.
- SOARES, Magda. *Letramento: um tema de três gêneros*. Belo Horizonte, Autêntica, 2006.
- TEBEROSKY, Ana; COLOMER, Teresa. *Aprender a ler e a escrever: uma proposta construtivista*. Porto Alegre, Artmed, 2003.